
Participação e Avaliação em Uma Sociedade Democrática Multicultural

Dentre as qualidades que os cidadãos devem apresentar em uma sociedade democrática multicultural, gostaríamos de destacar, neste trabalho, a participação.

Tivemos a oportunidade de realizar um estudo de caso que teve como foco o processo de avaliação da aprendizagem tal como é percebido por trabalhadores-estudantes de uma instituição de ensino particular noturna da cidade de São Paulo.

Trata-se de uma população de alunos do curso de Educação, predominantemente feminina, responsável por sua própria manutenção, cuja renda, muito freqüentemente, integra parte substantiva do orçamento familiar.

Em relação a seu vínculo produtivo, esses trabalhadores-estudantes localizam-se no setor terciário, exercendo ocupações burocráticas ou de funcionários de escritórios de grandes empresas. Têm idade média geralmente superior à de seus colegas dos cursos diurnos. Sua trajetória escolar é interrompida e descontínua. Buscam o curso superior noturno pensando em melhores condições de trabalho e de vida e conseqüente ascensão social.

Foram aplicados Questionários de Avaliação da Aprendizagem em 183 alunos, correspondendo a todo o corpo discente do curso de Educação de uma Faculdade particular noturna de São Paulo.

A análise dessas respostas permitiu-nos observar aspectos importantes da problemática da avaliação da aprendizagem e como ela se expressa em uma sociedade democrática multicultural.

Acreditamos ser uma contribuição valiosa para a temática saber que qualidades os cidadãos devem demonstrarem uma sociedade democrática multicultural. A possibilidade de o trabalhador-estudante chegar à Universidade é uma das mais expressivas manifestações da vertente democrática, no atual contexto brasileiro.

A democratização do acesso, mesmo questionada por ser pela via de uma escola privada pouco qualificada, põe em evidência algumas características desse

(1) Professora do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Supervisão e Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP.

trabalhador-estudante privilegiadas em uma sociedade multicultural. Dessas características, destaca-se, em especial, a participação.

A importância da participação como qualidade fundamental do cidadão em uma sociedade democrática multicultural evidenciou-se nas respostas que obtivemos dos trabalhadores-estudantes ao Questionário de Avaliação da Aprendizagem, já citado, e, em particular, à questão que perguntava: "Você acha que participa da Avaliação da Aprendizagem? Como?".

Antes de passarmos à análise desses resultados, gostaríamos de enfatizar que a temática sobre participação é de tanta atualidade que tem ocupado grande parte dos espaços de questionamento e reflexão no contexto social mais amplo e no contexto mais específico da Educação.

A. participação ganhou lugar no debate acadêmico e público, constituindo-se em um constante desafio e em um convite para o pensar e repensar esse conceito.

Essa relevância deve-se à ênfase no processo de democratização das relações sociais na família, na escola, na sociedade, resultado da evolução socioeconômica e político-cultural que vem sofrendo nosso país na última década.

O fenômeno social da participação ganha novas e variadas formas concretas de ação, no contexto de uma sociedade democrática, o que confere ao conceito participativo um caráter polivalente e, ao mesmo tempo, polêmico.

Devido à abrangência, importância e significância do conceito e às diversas formas de entendê-lo, procuramos aqui iluminar essa concepção, tentando esclarece-la e aprofundá-la.

Nesse esforço, lançamos mão de diversas óticas, com vistas a detectar a multifacetada concepção de participação que, apesar de complexa, aponta para delineamentos comuns.

Pela ótica política, a participação é qualidade e, fundamentalmente, qualidade política. Só tem qualidade política o que é criado pelo homem, histórica e culturalmente. Se a qualidade política trata dos fins e conteúdos da vida humana, de sua participação, da arte de viver, o tema da criação política é o fenômeno participativo.

"Participação é, no fundo, *qualidade*. Não a apalpamos, nem cheiramos, não pesa, nem tem tamanho. Mas tem *profundidade*, *sentido*, intimidade e *sensibilidade*. É necessidade básica, também. Sem ela, secamos. Por isto, poderíamos dizer, num rasgo de simplificação: a qualidade básica da vida humana é participação."(2)

2 P. DEMO. Avaliação participante: algumas idéias iniciais para discussão. mimeo.

Acreditamos que o centro da questão qualitativa é a participação, imagem positiva da qualidade política.

Da ótica da qualidade política, participação é o processo histórico de conquista da autopromoção. Enquanto conquista, significa que não se deve esperar que a participação venha de cima para baixo.

"Participação é *conquista*. Não é doação, dádiva, presente, nem imposição. *Nunca é suficiente*."

Enquanto autopromoção, significa criar uma vida com o menor teor possível de desigualdade, opressão, exploração e injustiça em uma sociedade desejável que o homem é capaz de criar.

Assim, a luta para criação dessa sociedade desejável passa, necessariamente, pela participação. Criar uma vida, nesse contexto, propõe ter um sentido para a vida que compreende a liberdade, a autonomia, a autogestão, a convivência, a democracia.

O processo histórico da conquista da autopromoção compreende o desenvolvimento de uma organização comunitária, o desenvolvimento da consciência crítica, o planejamento participativo, a administração autogestionária, além de outros fatores.

É importante destacar que a face política da participação, que se consubstancia na conquista da autopromoção, não exclui o fator econômico, constituído pela autosustentação, mas, muito pelo contrário, o pressupõe. Autopromoção não se faz sem auto-sustentação.

Participação também é uma conquista do ponto de vista epistemológico. Participar significa construir o conhecimento, reintegrá-lo, recriá-lo. É uma **construção junto** e não um viver o construído. Participar exige criação permanente, reflexão conjunta, compartilhar interesses na ação.

A partir dessa perspectiva epistemológica, podemos nos aventurar a refletir sobre o conceito de participação conforme a ótica educacional.

Para FAUNDEZ(4), a Educação é defendida como um processo em que o conhecimento é criado por intermédio do diálogo permanente e da participação ativa, criativa e crítica, através e para a democracia.

Nessa abordagem de uma nova educação, o conceito-chave é a participação que, pensando em chegar à democracia, deve ser livre, crítica, criativa e ativa.

"Para ser democrático, é preciso *sobretudo saber* participar, saber doar-se, conviver, *dividir-se, saber* valorizar a *comunidade*."(5)

3 *Idem. avaliação qualitativa. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1988.*

4 A. FAUNDEZ. *Participation in the education process. The Hague, CESO, 7988.*

5 P. DEMO. *avaliação participante: algumas idéias iniciais para discussão. mimeo.*

Para essa acepção de Educação, a única forma de ensinar é aprender com o outro.

"O sábio (...) quer a *profundidade*; quer estar junto, não por cima; faz parte de, não desagrega e deterge; comunica, não dissolve e distorce; simplifica, não complica; motiva, não resseca.(6)

Ao propor essa postura democrática de participação, não pretendemos que ela seja espontaneísta. Participação é compatível com organização, na medida em que autoridade e poder também são compatíveis com participação, desde que o poder seja democrático.

A participação, nesse caso, se faz não por um ato autoritário, mas pelo diálogo democrático que, buscando a transformação, se constitui em um processo que se descobre e se cria através de um movimento histórico e, como vimos, dialógico.

A participação não é imposta, mas sim ativa e inteira, respondendo às necessidades reais e sentidas dos sujeitos.

Essa participação ativa, que ocorre em todos os momentos de um longo processo de formação de uma pessoa, de um grupo ou de um povo, contrapõe-se à participação passiva que só ocorre, parcialmente, em determinados setores sociais e educacionais.(7)

Ao construir e criar conhecimento, ativamente, a participação percorre os caminhos da ação-reflexão e se reveste de uma dimensão essencialmente crítica, que permite uma inserção contextualizada.

Só uma participação ativa e crítica chegará à transformação pensando em uma sociedade mais democrática, mais solidária, mais livre e mais justa.

Na participação ativa e crítica que se propõe a refletir e a construir de modo conjunto, há um crescimento do indivíduo e do grupo que é o **animador coletivo**.

É muito importante que se aprenda a participar, 'já que este é um processo difícil mas necessário tanto para o animador *individual como* também o coletivo".
(8)

As pessoas têm de se sentir efetivamente participando, aprendendo a participar e, para tal, compreendendo a realidade onde estão, a fim de que passem do sentir para o compreender e agir.

6 Idem, Ibidem.

7 A. FAUNDEZ, Notas de aula do curso de Epistemologia da *Educação*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988.

8 Idem. Participafion in the *education process*. The Hague, CESO, 1988.

Aprender a participar significa aprender a dialogar, a organizar, a criticar; significa, ainda, aprender a aprender. Destacamos a grande importância de aprender a participar fazendo uma série de atividades e permitindo ao indivíduo ou ao grupo ser o real protagonista de sua história. Ele apropriar-se-á do seu conhecimento e de sua cultura, além do patrimônio de outras culturas.

Gera-se, assim, uma participação cada vez mais profunda, que sai do âmbito da Educação e vai para a vida, que é um processo permanente de educação. A busca de aprender a participar objetiva melhorar, genuinamente, a vida da comunidade nas esferas política, econômica, social e emocional.

Ao pensar participação na Educação e na vida, tentamos uma via de superação do "gap" que se encontra entre idéias e ação, teoria e prática do conceito participativo. Nessa esfera, grande parte da discussão desencadeada privilegia a faceta teórica buscando um consenso conceitual, perdendo-se, assim, a prática da participação.

Pensar a teoria e a prática nos encaminha ao verdadeiro processo educativo que propõe, através da abordagem participativa, o envolvimento de todos os protagonistas em diferentes etapas do processo, dentre as quais destacamos: programação, preparação de material didático, atividades permanentes de avaliação.

É exatamente sobre essa última que se deteve nossa atenção.

Participação na avaliação é sinônimo de avaliação permanente. Aprender a avaliar-se e a criticar-se para melhorar é o cerne da contribuição da participação para o processo avaliativo.

Através de uma participação ativa, criativa, crítica, individual e coletiva, permite-se ao indivíduo e à comunidade perceber-se, criticar-se, envolver-se, ajustar o curso do processo, enfim, avaliar-se.

Dessa forma, a avaliação constitui uma participação permanente, e a participação constitui uma avaliação permanente, tendo-se assim a compreensão da avaliação fundamentalmente como processo.

Na discussão e análise das respostas ao Questionário de Avaliação da Aprendizagem, detivemo-nos na questão que indaga: "Você acha que participa da avaliação? Como?", subdividindo-a em duas outras perguntas.

Com os resultados, construímos uma tabela de análise quantitativa contendo as respostas SIM, NÃO, EM TERMOS, EM BRANCO e suas respectivas frequências, correspondendo à primeira indagação: "Você acha que participa da avaliação?":

A segunda parte da questão - "Como?" - originou um Quadro de Análise Qualitativa onde, devido à variedade e complexidade de respostas, organizamos categorias de procedimentos de participação ("Como ou o que fazer para demonstrar que participa") e **produtos** da participação (através do que se participa).

O primeiro Quadro de Análise Quantitativa nos permitiu ver que os alunos se consideram participantes da avaliação (de 44,5% a 89%). A percentagem de não-participação é de 13% a 31,5%. De 7,5% a 24% dos alunos acham que participam "em termos" e as respostas "em branco" vão de 3% a 9%.

A segunda parte da questão, quando se pergunta "como" se dá a participação, é que nos permitiu uma visão mais profunda do que os alunos entendem por participação.

Ao afirmarem que participam, os alunos não percebem a participação como qualidade política, isto é, não a conotam com os fins e conteúdos da vida humana e não a vêem como uma criação do homem, na sua história e cultura. A seguir apresentamos algumas das respostas dos alunos, com a indicação do semestre que estão cursando entre parênteses.

"Sim, participo como uma ré a ser julgada."
(1º semestre)

Não sendo compreendida como qualidade política, a participação não tem sentido, profundidade, sensibilidade.

"Participo apenas *respondendo ou fazendo* aquilo que é pedido."(4º- semestre)

Os alunos não encaram a participação como conquista, ela acaba sendo vista como uma doação ou até mesmo uma imposição.

"Sim, participo somente *quando posso ser sincero* e devolver ao professor, através da avaliação, um verdadeiro '*feedback*' quanto á atuação bilateral em sala de aula."(1º semestre)

Os alunos não vêem a participação como uma construção do conhecimento, recriando-o; para eles, participar seria uma repetição mecânica, uma transferência, uma doação de conhecimento, já construído.

Uma listagem dos verbos e expressões verbais que os alunos usam para explicar como estão participando é bem sintomática e ilustrativa: "demonstrar", "escrever", "responder oralmente", "estudar", "devolver", "fazer provas", "fazer tarefas", "se esforçar", "decorar" etc.

Essas expressões caracterizam o que FAUNDEZ(9) chamou de participação passiva, que só ocorre parcialmente e em determinados setores e aspectos.

Essa participação passiva é aquela que não passa da ação para a reflexão e vice-versa, que não é inserida em um contexto sociocultural e que nem é historicizada.

9 A. FAUNDEZ. Participation in the education process. The Hague, CESO, 1988.

A concepção que os alunos têm de participação leva ao paradoxo de se pensá-la com uma característica de obrigatoriedade ou de "participação automática".

"Se faço a avaliação como aluno eu, automaticamente, estou participando. Esta é uma pergunta meio besta." (6g semestre)

"Sou obrigada a participar. Gostaria que houvesse uma mudança no sistema avaliatório. Participo mostrando meu desempenho e aproveitamento na sala." (5Q semestre)

A participação passiva não tem uma característica crítica, não pressupondo o pensar junto, o construir junto.

"Sim, participo, o fato de ser avaliado já é uma participação." (52 semestre)

"Sim. Se participar da avaliação e responder o que se pergunta, participo". (4Q semestre)

Em termos qualitativos, de 13% a 31,5% dos alunos acham que não participam da avaliação e alegam várias explicações para isso.

Ora se sentem elementos passivos:

"Não participo, aluno é instrumento passivo em qualquer tipo de avaliação." (1p semestre)

Ora apontam para seu papel acrílico no processo:

"Não participamos, pois somos apenas um brinquedo na mão do avaliador." (42 semestre)

"Não participo, não nos é dado o direito de participar de nossa avaliação." (19 semestre)

Ora assinalam sua situação não-criativa:

"Não participo; simplesmente acabo fazendo o que o professor quer, pois se passar um pouquinho pode ser desconsiderado." (6g semestre)

"Não. Os professores formulam as avaliações, chegam e dizem: toma, resolvam." (52 semestre)

"Não. Não existe participação direta do aluno numa avaliação. Se faço uma prova, um trabalho, minha participação é indireta." (6º. semestre)

A dimensão de imposição que a participação, por vezes, assume também é apontada:

"Não, não participo. Muitas vezes a gente sabe tudo, na hora da avaliação o nervosismo toma conta e não consigo lembrar de nada; depois que passa (eu sabia tudo), aí se perguntasse outra hora, com calma, responderia tudo." (5º semestre)

"Nunca participo, exceto em algumas matérias que exigem nossa participação; essas são ministradas por uma única professora aqui nesta Faculdade." (6º. semestre)

"Não participo, quase nada. As provas são malelaboradas e eu mesmo me avalio quando estou aprendendo pela prática como educador." (6º semestre)

Não se envolvendo e não se comprometendo, os alunos não participam, nem na escola nem na vida.

"Participo em parte, demonstrando o que decorei, e através disso guardar alguma coisa que me servirá para a vida." (4º. semestre)

A participação é um conceito tão ambíguo, também para os alunos, que eles respondem ambigualmente ("em termos": 7,5% a 24%).

"Depende do que se entende por participar. Participo como agente passivo da mesma." (3º. semestre)

"Participo às vezes, quando o assunto interessa." (3º semestre)

"Nem sempre. Os professores são ditadores e às vezes sinto-me pressionada." (3º semestre)

"Depende. Tem certas avaliações que eu me sinto segura em fazer. Então eu consigo colocar no papel tudo o que aprendi." (1º. semestre)

Apesar dessa insegurança conceitual, os alunos sabem que a participação na avaliação pressupõe conhecimento do que vai ser avaliado e uma postura ativa, crítica, democrática e criativa.

"Participo às vezes, escrevendo tudo o que sinto e o que entendi."(1º. semestre)

"Participo às vezes; se gosto da disciplina, se tenho tempo para me preparar e se percebo não se tratar de tanta imposição."(3º - semestre)

"Participo às vezes, quando o professor realmente conhece o aluno avaliado. Através de perguntas feitas em sala de aula, participação e trabalhos realizados."(1º. semestre)

...

Ao término dessa análise, não temos dúvida de que, dentre as qualidades que os cidadãos devem apresentar em uma sociedade democrática multicultural, a participação se destaca como essencial para o processo democrático.

No desenrolar desse trabalho, tivemos a oportunidade de nos defrontar com a compreensão da avaliação enquanto processo. Isso nos levou ao conceito de participação em contraposição à ótica da avaliação como produto, no seu aspecto de controle.

Destacamos a atualidade da temática de participação na discussão da democratização da sociedade que nos encaminhou à relação entre avaliação e qualidade de ensino na sua dimensão de qualidade política.

Enquanto qualidade política, a participação é uma conquista na busca da autopromoção, epistemologicamente comprometida com a construção do conhecimento. Sendo conquista e construção, ela tem uma faceta ativa e crítica, recriando o conhecimento através do diálogo.

Assim, uma participação criativa dá um sentido á vida, pensando em uma sociedade melhor, mais justa e solidária.

Alertamos para o fato de que em nosso trabalho o conceito de participação aparece com uma conotação apassivadora, paralisante, não se constituindo no cerne da criação política.

Ao relacionar avaliação e participação, propomos que todos os envolvidos no processo educacional participem, quer criando uma nova forma de conhecimento, quer definindo as reais necessidades de uma comunidade, quer buscando soluções para os problemas comuns, quer transformando a realidade.

A partir dessas reflexões, antevemos uma nova concepção de participação, relacionada com avaliação e significando algo criativo e transformador, crítico e ativo, conjunto e solidário, na busca dos "sonhos possíveis".

Creemos que participação na avaliação pode ser extrapolada para participação em uma sociedade multicultural democrática que permite ao cidadão avaliar-se permanentemente, visando a um aperfeiçoamento constante na busca de uma sociedade melhor, mais justa, mais solidária e mais humana.